

A MULHER NOS *FABLIAUX* MEDIEVAIS: REPRESENTAÇÃO MISÓGINA?

Gerlândia Gouveia Garcia

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo acerca das representações das mulheres no medievo através dos *fabliaux* medievais, textos anônimos que circularam entre os séculos XIII e XIV, a fim de observar se o texto literário também é um veiculador do discurso misógeno ou de aversão às mulheres, questão fortemente presente na Idade Média. Através de três destes textos, quais sejam: “Da mulher a quem arrancaram os colhões”, “Os calções do franciscano” e “Da jovem que não podia ouvir falar de foder sem sentir náuseas”, procuraremos traçar os perfis femininos apresentados através dos narradores e compará-los com os textos da época que mais disseminavam a mulher como ser inferior, ou seja, os religiosos e filosóficos. Estes textos revelam que a mulher é frequentemente vista como ser inferior ao homem, mas em alguns momentos apresenta-se com um perfil que pode ser contrário ao mostrado nos textos filosóficos e religiosos.

Palavras-chave: Representação; Misoginia; Mulher; *Fabliaux*;

1 – REPRESENTAÇÕES DA MULHER: O OLHAR MISÓGENO

O termo *misoginia* é definido por Renate Blumenfeld-Kosinski (2006) como “aversão às mulheres” e era bastante disseminado em diversos âmbitos da cultura medieval. A autora ressalta que a misoginia é apenas uma das muitas atitudes sociais e literárias em relação à mulher, uma vez que, assim como havia discursos de desprezo pela mulher, havia, também, discursos favoráveis a ela. No entanto, os aspectos negativos eram mais influentes no que concerne à subordinação das mulheres em relação aos homens nas mais diversas áreas da vida medieval. A mulher era apresentada como ser fraco, demoníaco, instável, pútrido e sórdido, capaz de seduzir os homens e levá-los à perdição.

O discurso misógeno pouco mudou ao longo dos séculos e pode ser visto de maneira bastante diversificada na produção literária européia medieval. Outras características das mulheres sob a ótica deste discurso destacavam a lascívia insaciável feminina, a tagarelice e a pouca confiabilidade que as mulheres possuíam e o amor pela maquiagem e ornamentos, além de uma turbulenta natureza. Há inúmeras variações de perfis femininos em produções da época, quase todos apresentando a mulher de maneira bastante pejorativa quando comparada ao homem e, quando transferimos essas questões para o contexto clerical, observamos que a mulher passa a ser ainda mais ameaçadora ao homem, uma vez que ela se apresentava como ser capaz de destruir a pureza e a castidade almejadas pelos celibatários.

Christiane Klapisch-Zuber (2006) apresenta três exemplos de discursos veiculadores de uma visão que inferioriza a mulher: o primeiro vem do monge Ruperto de Deutz, do século XII. O monge discorre sobre Eva, personagem bíblica que, enganada pela serpente teria persuadido seu companheiro Adão a também comer do fruto proibido e com isso gerado todas as catástrofes da humanidade através da disseminação do pecado. Pergunta o monge se Eva já não mostrava antes disso uma personalidade abusiva, arrogante e insistente. Boccaccio viria, dois séculos após, apresentar mulheres que falavam da volubilidade, contradição, desconfiança, covardia e medo femininos. Além disso, as mulheres alegavam a sua inferioridade em relação aos homens, atestando que só com a autoridade deles poderiam chegar a um fim louvável. O terceiro discurso vem contraditoriamente de uma mulher. Hildegarda de Bingen escreveu no século XII que as mulheres eram fracas e viam que os homens podiam lhes dar força como o sol dava luz à lua, daí o fato de considerarem-se submissas a eles e estarem sempre prontas a servi-los.

Para provar a submissão e inferioridade das mulheres os clérigos se apoiavam na versão do texto bíblico do Gênesis, o qual mostrava Eva como sendo criada da costela de Adão, sendo, portanto, de dominação dele. O que é negligenciado neste caso é o fato de que há outra versão da criação, no Gênesis 1:27, que atesta ter Deus criado homem e mulher à sua imagem e semelhança. Agostinho desempenhou uma atitude intensamente contrária à relação dos celibatários com as mulheres e para isso apoiou-se no argumento de que Eva era subordinada a Adão através do segundo ato de criação, ou seja, aquele que formou seus corpos reais, de carne e não os corpos espirituais, que eram à imagem e semelhança de Deus. Assim, na esfera social Eva é considerada inferior a Adão e assim são todas as que dela descendem.

Agostinho indaga: Por que o demônio não fala com Adão e sim com Eva? Satanás teria se dirigido ao elemento inferior dos dois humanos, teria visto que o homem não seria persuadido tão facilmente. O teólogo admite que não podemos acreditar que o homem seria levado para o mau caminho por que ele acreditava que a companheira falava a verdade, mas por que ele foi convencido por ela através de suas sugestões, dado que estavam unidos em parceria. Eva teria acreditado na serpente e aceitado o que ela disse como sendo verdadeiro. Já Adão teria se recusado a separar-se de sua companheira, pois a ela devia fidelidade, ainda que fosse para se ver embotado pelo pecado e dividi-lo com ela (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.199).

Como podemos perceber, a relação de verticalização colocava o homem no topo, como ser superior, e a mulher na superfície, como ser inferior. Teria sido esta uma das razões, segundo os teólogos, para Jesus ter vindo sob a forma masculina, o que atestaria a superioridade dos homens ainda mais, uma vez que Deus não teria escolhido dar ao seu filho a imagem de um ser rebaixado como a mulher. Além disto, muitos eram os argumentos contra as mulheres, mesmo aquelas que desejavam se despojar de sua natureza “mundana” e se dedicar à vida sacerdotal: faltava-lhes eminência de status, eram naturalmente subjugadas aos homens, não podiam ensinar ou celebrar, tampouco podiam contrair matrimônio com a igreja através da ordenação (assim como faziam os padres), eram consideradas impuras devido à sua menstruação e não podiam realizar a tonsura¹.

Na visão de Uta Ranke-Heinemann, Alberto Magno foi o grande depreciador das mulheres. Ele teria alegado que a mulher é menos qualificada para o comportamento moral devido à quantidade de líquidos que possui a mais que o homem. Seria uma propriedade dos líquidos fazer com que as coisas se movessem com facilidade, o que tornaria as mulheres inconstantes e curiosas. Alberto Magno se baseia na visão aristotélica para chegar a muitas de suas conclusões sobre a mulher.

Conforme William F. MacLehose (2006), as visões aristotélicas acerca da mulher podiam ser divididas em duas categorias distintas: uma relacionada ao papel político da mulher e outra à sua fisiologia. Em ambas destaca-se a inferioridade das mulheres e sua subordinação aos homens. Sobre o papel feminino na *pólis* grega ou cidade-estado, Aristóteles relega a mulher ao *oikos*, ou seja, ao ambiente doméstico, à esfera privada e não à pública ao destacar que o homem é superior por natureza e a mulher inferior, merecendo ser por ele regrada. Estabelecem-se os papéis de regulado e regulador. Observa ainda que mesmo controlando a casa, os filhos e os escravos as mulheres não podem ser consideradas constitucionalmente iguais aos homens em poder em virtude da natureza inferior das mulheres. Aristóteles afirma que essa desigualdade é permanente devido às diferenças entre homens e mulheres serem de ordem biológica.

A mulher apresentada como um homem defeituoso não foi aceita prontamente pela igreja, pois o homem corria o risco de ser rotulado de mulher perfeita, o que poderia sugerir uma aproximação com a sodomia, considerada heresia por parte da igreja. Outra diferença que Aristóteles coloca como fundamental é o fato de que os homens são ativos e as mulheres

¹ Em vários ritos de iniciação existia a prática da tonsura, que consistia na representação simbólica do ato de despojamento do aspirante através da tosquia dos cabelos, fosse ela parcial ou total.

passivas. Essa atividade masculina foi sugerida através do ato da procriação: o homem é o gerador e a mulher é quem recebe, concebe o filho. Neste processo desconsiderava-se o fato da mulher também fazer parte da geração com o óvulo. Somente o sêmen era considerado a semente geradora e a mulher era apenas um recipiente que receberia e conceberia o filho. Portanto, a única função feminina seria a de procriar.

Fazendo uso da concepção agostiniana acerca da mulher os teólogos medievais enfatizam a falta de raciocínio feminino. Alegam ainda que as mulheres têm menos vigor físico do que os homens. E que, assim como crianças e doentes mentais, elas não podem servir como testemunhas em assuntos testamentários. As crianças deviam observar que o pai, como gerador, era superior à mãe e que somente ele, como líder intelectual, era capaz de instruí-los. Como criatura deficiente a mulher não tinha sequer autoridade para educar seus próprios filhos, pois o pai é que era dotado de *virtus* (força, vontade) mais vigorosa, capaz de instruir da melhor maneira a sua prole. Além disso, Tomás apontava que a mulher era subordinada ao homem no casamento, necessitando dele inteiramente não só para gerar e educar os filhos, mas como seu senhor pessoal, em virtude de uma razão mais perfeita e de uma virtude mais forte masculinas (RANKE-HEINEMANN, 1996).

Na Idade Média, muitos são os textos que veiculam concepções misóginas e misogâmicas. Essas questões aparecem em textos da literatura européia medieval, retomando textos das tradições satíricas antigas, como os de Ovídio e Juvenal, em que são apresentadas mulheres sedutoras que não deixam os maridos em paz por um único minuto. O *Romance da Rosa*, de Jean de Meun é considerado um dos mais importantes trabalhos da época e ocupa um lugar bastante considerado na lista da tradição misógina por repetir de maneira excessiva os estereótipos da mulher ambiciosa, adúltera e má. Devido à sua popularidade, tornou-se uma das principais fontes de disseminação dos ataques às mulheres e suas reputações. Cristina de Pisan detectou a repetição e impregnação do discurso anti-mulheres na Idade Média e revelou as conseqüências resultantes da misoginia na vida das mulheres através de seu livro *A cidade das mulheres*. (BLUMENFELD-KOSINSKI, 2006).

Outro tipo de narrativa que fundiu no medievo a misoginia foram os *fabliaux*. Essa literatura surgiu no século XIII no norte da França e permaneceram até meados do século XIV. Eram textos anônimos, de caráter mais popular, em sua maioria eram escritos de forma jocosa. Em seu corpo, traziam relatos de devotos e da vida de santos, dos padres e da igreja, alguns deles eram acentuadamente anticlericais.

Com relação às mulheres, havia entre os *fabliaux* diversos textos morais e sociais, nos quais os homens denunciavam as artimanhas femininas. Com a sua popularidade, os *fabliaux* poderiam ser vistos como uma das principais fontes de disseminação dos ataques às mulheres. No entanto, corroborando com as posições dos estudiosos citados, estes textos também permitiam, em nossa opinião, a construção de perfis femininos com atitudes contrárias à configuração da mulher da sociedade medieval conforme veremos a seguir. Lacy (1995) diz que poucos são os personagens femininos apresentados como inteligentes ou virtuosos, mesmo quando cometem adultério. De forma geral, a visão sobre a mulher é de condenação pela sua lascívia e enganação. Também há críticas aos homens, mas estas em quantidade bem menor, principalmente nos *fabliaux* em que aparecem personagens masculinos que confiam na mulher e permitem que elas os dominem, geralmente tratados como bobos ou, no caso do adultério, como cornudos.

A questão religiosa era muito influente na sociedade medieval, refletindo em várias esferas, entre elas a literatura (em nosso caso chamamos atenção para os *fabliaux*) com atitudes consideradas antifemininas. Entre estas atitudes destacamos a que mais se propagou nos textos da época, e que, mesmo na sociedade contemporânea ainda se apresenta fortemente: a misoginia. Sobre ela trataremos a seguir na análise dos *fabliaux* selecionados.

No primeiro dos *fabliaux*, “Os calções do franciscano”², a narrativa trata de um letrado que amava uma burguesa, a qual era cortês, prudente e sabia muito sobre esperteza e estratégias. Casada com um burguês, a mulher desejava intensamente o letrado. O marido, negociante, sai para tratar de negócios e a mulher encontra uma brecha para colocar o letrado em casa. Para realizar o seu desejo de deitar-se com o amante, a burguesa usa de muitos artifícios, entre eles mentir para encobrir sua desonra, logo após o marido retornar à casa e desconfiar que algum homem havia se deitado em sua cama.

A esperteza da mulher era tanta que, para não ser descoberta pelo marido, o qual vestiu por engano os calções deixados pelo letrado em sua cama, foi à procura de um frade menor pedir-lhe em nome de Jesus Cristo que dissesse ao seu marido que os calções pertenciam ao frade e que ela os havia colocado sob o colchão para conceber um filho ou filha. Esta ação se deu por causa de um sonho que a burguesa teria tido e assim ela pede ao frade que minta para o marido, contando-lhe que tudo foi devido ao sonho, o que faz com que ela escape intacta do castigo que lhe seria aplicado e o marido saia como enganado e cornudo, segundo o *fabliau* (SCOTT, 1995, p. 51).

² Doravante OCDF.

No segundo texto, “Da jovem que não podia ouvir falar de foder sem sentir náuseas”³, narra-se a história de uma moça extremamente orgulhosa, desdenhosa e que por motivo algum podia ouvir falar de foder sem que sentisse náuseas. A moça morava apenas com seu pai, o qual se dedicava exclusivamente ao trabalho, pois não podia ter servas nem serviçais mesmo sendo apresentado como um homem rico, pois sua jovem filha não queria saber deles devido ao fato de não suportar que falassem de copulação: “nem de pau, nem de colhões, nem de outra coisa” (SCOTT, 1995, p. 133). Sendo assim, o pai evitava contratar qualquer serviçal, principalmente se este fosse homem.

Certo dia, um jovem chamado David, muito bom em artimanhas e patifarias, ficou albergado na aldeia. Lá, soube da curiosa história da jovem e decidiu, então, pedir alojamento ao pai da jovem, suplicando pelo amor de Deus e de São Nicolau. O pai fica sem saber que resposta dar ao jovem, e explica o que acontecerá se ele aceitá-lo no trabalho, já que sua filha não pode ouvir falar em libidinagem. O rapaz, porém dá uma cuspidinha e diz que jamais falará de tais assuntos, pois isso eram coisas do diabo. A jovem ao ouvir o rapaz dizer isso, pede logo que o pai aceite os seus serviços. Depois de um longo dia de trabalho, o pai pergunta à filha onde ela desejaria que o rapaz dormisse, ao que ela responde que não vê problemas que ele durma em seu quarto.

No quarto, David começa a passar a mão no corpo jovem, descrito como branco e formoso. O rapaz começa, então, a acariciar algumas partes como as mamas e a genitália, à qual a jovem dava o nome de prado, revelando que ao lado dele existia um tocador de trompa que estava de guarda para tocar bem alto e assustar aquele que desejava água da fonte de seu prado. Em seguida, a jovem começa a apalpar os genitais do rapaz, perguntando-lhe o que era aquilo muito rígido e duro, ao qual o jovem responde que é seu proto que está sem comer desde o dia anterior. A jovem propõe que ele ponha o proto para pastar no prado. O que segue até o fim da história é um jogo de metáforas que insinua e confirma ao fim que a jovem não podia ouvir falar de foder, mas podia fazê-lo (SCOTT, 1995).

“Da mulher a quem arrancaram os colhões”⁴ é o terceiro e último texto a ser analisado. A história começa com um narrador convocando os interlocutores, homens que tinham esposas e que as colocavam alto demais, alegando que a liberdade e a autoridade dadas a essas mulheres seria motivo de desonra para eles. O narrado incita os homens a castigarem as

³ Doravante JNPOFF.

⁴ Doravante MQAC.

mulheres tresloucadas. Cabe a elas estimarem, amarem, obedecerem e honrarem e se assim não o fizerem serão vistas como motivo de vergonha.

O *fabliau* conta a história de um homem rico que amava muito sua mulher e a colocava acima de tudo, entregando a ela o senhorio de suas terras, de sua casa. A mulher, no entanto, o desprezava e tinha por ele pouca estima, contradizendo e desfazendo tudo o que dizia e fazia. O casal possuía uma filha descrita como bela, de formosura tal que sua fama se espalhou por muito longe, chegando a encher de amor o coração de um conde que ouviu falara a respeito. O conde tinha por hábito caçar na companhia de três cavalheiros e de um valete que conduzia os cães. Em um dia de suas caçadas, devido a uma forte chuva o conde acabou por se afastar dos seus companheiros de caça e pediu hospitalidade na casa do pai da bela dama.

Porém, o senhor nega-lhe a hospedagem, justificando-lhe que sua esposa não concordará com a decisão, e diz que ela só fará o que não agradar. O conde, então, tem a ideia de falar em voz alta que não aceitará dar a hospedagem, o que prontamente sua mulher discordará, dando abrigo ao conde. O conde encanta-se com a filha do senhor, pede-a em casamento, o homem nega, o que prontamente a sua esposa desdiz e concede a mão da filha em casamento.

Já casados, a bela moça quer fazer com seu marido tudo aquilo que sua mãe tinha feito com seu pai, desfazendo e contradizendo tudo o que seu marido fazia ou dizia, pois a mãe tinha lhe aconselhado a fazer isso para não trair sua linhagem. O conde organiza uma bela festa para comemorar as núpcias e pede para que seu cozinheiro prepare uma porção diferenciada de molhos para acompanhar a comida. A condessa pede para o cozinheiro fazer apenas molho de alho, ao que ele obedece. Ao servir as iguarias o conde fica perplexo, o cozinheiro não fez o que havia sido ordenado, como castigo o conde fura-lhe os olhos, corta-lhe as orelhas e depois o exila de suas terras. A esposa é castigada com um bastão de espinhos que quase a matou. Ela ficou deitada por três meses sem sentar à mesa.

A orgulhosa mãe decide visitar sua filha. A contragosto o conde recebe sua sogra. O conde trata o sogro de maneira diferenciada, dando-lhe os melhores vinhos e iguarias. Condena as ações da mulher má, a sogra, por isso trata-a com desdém. O conde pede que o sogro vá caçar com seus valetes e cavalheiros. Em segredo, diz a um dos seus mouros que lhe traga os colhões de um touro, uma faca e uma lâmina bem afiada. Pega a dama pela manga senta-a a seu lado e fala que o orgulho dela se dá devido aos colhões que ela possui e que irá arrancá-los para que extermine dela a altivez.

Os homens cortam as nádegas da mulher fingindo tirar do seu corpo os colhões ensanguentados do enorme touro, colocando-os ligeiramente em uma bacia. A mulher desmaia perante esta visão e quando volta a si o conde lhe diz que arrancara o orgulho que lhe fazia ousar. A mulher suplica piedade e clemência e diz que nunca mais contestará seu senhor e o servirá como deve ser. O *fabliaux* termina com a súplica: *desgraçada seja a mulher que despreza o homem*. (SCOTT, 1995).

As fábulas medievais, como já destacamos, nasceram no medievo e perduraram do século XIII até meados do XIV. Segundo José Rivair Macedo (2004), os *fabliaux* foram utilizados por antigos eruditos franceses como testemunhos históricos diretos do cotidiano das camadas populares urbanas, por estas narrativas caracterizarem um quadro particularmente pitoresco. Não faltam menções a trapanças nas ruas e feiras, situações em que os camponeses são ridicularizados, atitudes reprováveis das mulheres, brigas e desavenças domésticas.

Nos três *fabliaux* são vários os elementos que nos levam a identificar a presença das questões religiosas e a estrutura social representada. Também é possível identificar para quem e para quem os *fabliaux* são escritos. Os textos, em sua maioria, apresentam uma moral, uma espécie de ensinamento através de uma história narrada, em tom jocoso, podendo ela ter de fato acontecido ou não. As histórias possivelmente (essa é uma questão controversa, como apontamos no capítulo II) retratam e se dirigem a um público da camada popular.

No que diz a respeito às questões religiosas, nos *fabliaux* os personagens buscam estar sempre perto de Deus, seja nos momentos de apuros ou nos momentos em que não há aflição. Como a sociedade era regida pelos preceitos da Igreja católica, era comum que a figura de Deus e de todos os santos permeasse o cotidiano e, por conseguinte, a literatura da época. Para além do poder de propriedade de terras, a Igreja exercia o poder também sobre a vida matrimonial da sociedade, mantinha um discurso no qual privilegiava o homem. A Igreja também tornou o casamento uma criação divina, não podendo ele ser realizado pelo desejo da luxúria e sim, pela procriação, deveria ser indissolúvel e a virgindade deveria ser resguardada até a noite de núpcias.

Todos esses valores elaborados pela Igreja para o casamento e postos como regimento para a sociedade medieval podem ser identificados nos *fabliaux* a serem analisados.

3- AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS *FABLIAUX*

O *fabliau* MQAC evidencia desde o seu título à figura feminina de forma jocosa. A mulher é um ser anômalo, pois possuía colhões, uma parte do corpo tipicamente masculina. Esta imagem nos remete ao discurso baseado em Aristóteles que apresentava a mulher como um ser inferior, um “homem mal gerado ou deficiente” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.199). A mulher aqui representada difere da mulher passiva que figura no discurso clerical comum à época medieval, é uma espécie de transgressora, mas ao mesmo tempo carrega as cargas negativas que eram impostas às mulheres da época, e é condenada pelas suas atitudes. Desde o começo do *fabliau* percebemos o discurso que invoca a não aceitação dessas mulheres naquela sociedade, invocando os maridos a castigá-las pela desobediência e orgulho. Os homens que são permissivos com suas mulheres são tratados como “desonrados”.

Senhores, **vós que tendes esposas** e que **as colocais alto demais**, de sorte que **lhes dais demasiada autoridade sobre vós, estais apenas deixando que vos desonrem**. Escutai um pequeno exemplo que aqui está escrito para vós. **Nele podeis encontrar modelo. Não deveis doar tudo a vossas mulheres, de medo que vos amem menos. Deveis castigar as tresloucadas**. Sim, **fazei-as aprender que não devem se encher de orgulho para com seu senhornem dominá-lo**, mas que **têm de o estimar, amar e obedecer e honrar**. **Se assim não fizerem, será para vergonha delas**.(...) Agora entrarei em minha narrativa do exemplo que quero contar, e **que deve ser bem ouvido por aqueles que transformam as mulheres em seus senhores, do que lhes advém desonra**. Sobre esse assunto direi que não há logro pior do que um verdadeiro, e aqui descobrireis isso. (SCOTT, 1995, p.156 – grifos nossos).

O perfil feminino aqui construído apresenta a mulher como orgulhosa, tresloucada, que sempre passa por cima das ordens do seu marido, orgulhosa a ponto de buscar sempre tomar o senhorio, tanto da casa como das terras. Tem autoridade sobre a casa e sobre todas as decisões e não se preocupa se o marido sofre com o seu comportamento.

– Por causa, de minha mulher [**diz o marido**], que por preço nenhum concorda com o que eu faça ou diga. Tem poder sobre mim, autoridade sobre minha casa e comando sobre tudo. Pouco lhe importa que eu sofra com isso. Para ela não sou mais que uma capa de chuva. Ela faz tudo a seu grado e nunca ao meu. Nada faria a meu pedido. (SCOTT, 1995, p.159)

Nesse trecho percebemos como se apresenta. Já a mulher é vista como cruel e indiferente ao sofrimento do seu esposo. Interessante notar que não há saída para a mulher

neste *fabliau*: se obedecer será vítima dos desmandos masculinos e se desobedecer será vista como motivo de desonra e castigada ao final. É o que ocorrerá com a filha e a sogra.

Podemos destacar um primeiro momento neste *fabliau*, assim como nos demais, uma forte carga antifeminina ou misógina, mas no caso dos textos literários é permitido às personagens femininas uma liberdade que certamente não lhe seria dada às mulheres no contexto daquela sociedade, ainda que, na literatura, a ordem seja retomada no final e as mulheres sejam punidas.

A classe social representada neste texto é a burguesia. Aparecem claramente os termos: o burguês e a burguesa. Mas também aparece um nobre, um conde, acompanhando de seus cavaleiros e valete, e posteriormente aparece no texto, a condessa.

Cenas da vida cotidiana aparecem com frequência: sair para a caça (no caso do conde com seus cavaleiros e valetes), receber visitas com refeições extraordinariamente ricas, com vinhos de uvas e amora e frutas. A mulher é resignada ao ambiente doméstico, ao cuidado com os afazeres e o recebimento das visitas. O perfil feminino ideal, segundo o narrador, seria o da mulher que estimasse, amasse, obedecesse e honrasse o marido.

Com relação ao matrimônio percebemos que aparece como um negócio. Sabendo que o senhor que lhe hospedara possuía uma filha jovem e bela o conde por ela se interessa e pede-a em casamento, isto em apenas um dia hospedado na casa do burguês, o que é imediatamente aceito pela senhora considerando a nobreza do pretendente. A burguesa, então, entrega-lhe de pronto o dote que a filha possuía e o pai dá-lhe de presente um palafrém (cavalo) e três galgos (cães de caça).

Ao final do *fabliau* a sogra e a filha são castigadas pelo conde. A primeira por desobedecê-lo e a segunda, devido à sua desobediência e maldade com o seu sogro. A façanha do conde, portanto, é louvada como algo a ser seguido, uma espécie de regra moral.

O conde foi muito bem sucedido em sua façanha. Bendito seja ele e todos os que castigam suas mulheres más. Mas os outros são amaldiçoados, e bem amaldiçoados, que se submetem a suas mulheres, como aquele. Se forem boas, deveis ter-lhes amor e apego e recompensá-las. E que males e desgraças recaiam sobre a mulher intratável de raça infame. Eis a sùmula deste *fabliau*: *desgraçada seja a mulher que despreza o homem*. (SCOTT, 1995, p.169 – grifo da autora)

Em OCDF é clara a referência direta à religião presente através de uma peça íntima do vestuário de um membro do clero, o que pode desde o início dar uma pista do tom jocoso e até mesmo da ligação com a conotação sexual, visto que a peça será o motivo do

encobrimento da traição da esposa burguesa. Neste *fabliau* aparecem um burguês negociante, a sua esposa (a burguesa) e um letrado, além da figura do clero representada por um frade menor. A mulher é apresentada como traíçoeira, esperta, cheias de estratagemas, sabe mentir para encobrir sua desonra e é capaz de convencer até um religioso para enganar seu marido.

Ela **sabia muito sobre esperteza e estratagemas**. A mulher **que leva essa vida e que deseja amar alhures tem de conhecer voltas e contra voltas e artifícios para escapar do perigo**. Precisa **saber mentir para encobrir sua desonra**. É assim mesmo. A **burguesa** de que vos falo **era bem instruída nesse mister**. (SCOTT, 1995, p.48 – grifos nossos)

O frade menor participa da mentira, aceita prontamente enganar o marido encobrindo a traição e ri ironicamente do burguês mesmo sabendo que ele havia sido ludibriado. Os padres geralmente eram ridicularizados nos *fabliaux*, motivo frequente de chacota.

Nos *fabliaux*, os personagens que não têm afinidade com a nobreza costumam ser ridicularizados ou satirizados. Observando, por exemplo, o tratamento reservado às aventuras sexuais, raramente o que é dado aos personagens pertencentes à nobreza é ignominioso: como amantes, em geral obtêm sucesso em suas empreitadas e, como maridos, geralmente conseguem descobrir os amantes e reverter a situação em benefício próprio. Ao contrário, a hierarquia da Igreja não é poupada. Nos contos de adultério, quando bispos, padres e monges se envolvem com mulheres da nobreza acabam sendo malsucedidos, mas conseguem o intento quando os maridos enganados pertencem ao mundo do comércio, do artesanato urbano, ou desempenham trabalhos braçais no campo. (MACEDO, 2004, p. 10)

Podemos tomar como exemplo para ilustração a questão hierárquica no *fabliau* MQAC. O burguês sofre diretamente com a mulher que é julgada como má, já o conde não é atingido pela desobediência da esposa, pois ao primeiro sinal trata de eliminar qualquer ato considerado indisciplinar e assim o faz, também, com a sogra ao arrancar-lhe os colhões. O mesmo acontece em OCDF, no qual a burguesa adúltera consegue enganar o marido e acaba se safando sem que nada lhe aconteça, enquanto o marido é ridicularizado ao final como “cornudo” que, além de ser traído, ainda desfila pelas ruas com os calções do franciscano pendurados na cintura, acreditando que estes lhe trariam um filho ou uma filha, conforme o sonho contado pela esposa.

Agora a mulher está bem à vontade para fazer o que quer com o letrado, que por seu amor se empenha e gasta com abundância. A burguesa soube recolocar a carga nos ombros do seu burguês. Agora o outro poderá ir e vir por todos os cantos e recantos e o **cornudo** nunca na vida ousará mencionar o fato. A burguesa saiu-se bem. (SCOTT, 1995, p.58 – grifo nosso).

Em todo o enredo a mulher sempre busca uma forma de enganar o marido e colocar dentro de sua casa o amante, e a este sempre é dado tudo aquilo que ela jamais deu a seu marido. O burguês (a personagem masculina) é o enganado, inocente, pouco amado pela esposa e fácil de ludibriar. Aparece também como aquele que coloca sua dama acima de tudo, o cornudo, o injustiçado.

No *fabliau* JNPOFF a donzela, filha de um vilão⁵, é apresentada como tola e pudica e não podia ouvir falar de nada relacionado a sexo, pois isso poderia lhe fazer passar mal. A jovem não suportava falar em copulação, era orgulhosa, cheia de esquisitices e uma mulher fácil de ser enganada. O jovem rapaz, David, é apresentado como audacioso. Desde o primeiro encontro com o pai da jovem David percebe que evitar o uso da palavra “foder” será o artifício para conseguir a simpatia inicial da jovem e depois deitar-se com ela.

Nunca em minha vida tive um serviçal que pudesse conservar por muito tempo, pois, tão logo minha filha ouve a palavra "foder", assalta-a um mal-estar, um enjôo, de tal forma que parece mesmo estar morrendo. E por isso, bom irmão, não ousa ter serviçais, que são indecentes e têm um linguajar demasiado baixo, pois teria medo de perder minha filha.

David pôs-se a torcer a boca e depois raspa a garganta e cospe, exatamente como se tivesse engolido u'a mosca. E diz ao vilão:

– Refreai-vos, bom senhor, se não quereis dizer um nome feio. Calai-vos, pelo amor do Deus celeste, pois é a palavra do diabo! Jamais faleis disso em minha presença! Nem por cem libras desejaria ver o homem que falasse disso nem que dissesse indecências, pois um grande mal-estar me invade o peito. Quando ouve o vassalo falar assim, a filha do vilão sai da casa e diz ao pai:

– Senhor, Deus me ajude, ficareis com este jovem, pois será bom para nós. Tem as mesmas idéias que eu. Se me amais e me estimais, assim vos peço.

– Meiga filha, será como desejais - responde o vilão, que era mui bobo. (SCOTT, 1995, p.134-5).

Para conseguir tocar as partes íntimas da jovem utiliza-se de um discurso dissimulado que aparentemente suaviza as referências às partes genitais substituindo-as por elementos do campo ou ligados à vida camponesa como prado/capim (pêlos pubianos), vala (vagina) ferradores/novelos (colhões, testículos), tocador de trompas (ânus), potro (pau/pênis) e fonte (urina), evitando, assim, “falar de foder” e fazer com a jovem não sinta náuseas.

– Por minha palavra! - responde ela. - Aí onde estais tocando é **meu prado**, David. Mas inda não está florido.

– Por minha palavra, senhora! - foi David quem disse isso. - Ainda **não há capim plantado**. E o que é, no meio do **prado**, essa **vala suave e cheia**?

⁵ Os vilões eram pessoas não pertencentes à nobreza feudal, mas entre os servos eram as que mais estavam próximas ao senhor feudal. Receberam esse nome por que habitavam urbanamente em vilas. Na modernidade, o nome ganhou um sentido mais pejorativo.

- É **minha fonte**, que no momento não está vertendo.
- E o que é isso depois, neste refúgio? - pergunta David.
- É o **tocador de trompa**, que toma conta dele – responde a donzela. – Na verdade, se um bicho entrasse em meu prado para **beber na fonte clara**, prontamente o tocador tocaria a trompa, para o assustar e cobrir de vergonha.
- É um diabo esse tocador, e faz um trabalho sujo, querendo morder **assim os bichos para que o capim não fique estragado** –torna David. (SCOTT, 1995, p.135-6 – grifos nossos).

Está claro neste *fabliau* que a mulher não se comporta apenas como passiva na relação sexual, a jovem toma atitudes de tocar, percorrer, explorar o corpo masculino, é curiosa, interroga o amante, pede para que ele a toque e explore o seu corpo, o que pode denotar que ela sabia exatamente o que estava fazendo, levando o leitor a concluir que ela era dissimulada.

- E por sua vez coloca sobre ele a mão**, que não era malfeita nem curta, **e diz que vai ficar sabendo o que ele traz consigo**. Então começou a interrogá-lo e **a apalpar suas cousas, até que o segurou pelo pau**.
- **O que é isto**, David, **tão rijo e tão duro** que poderia furar uma parede?
 - Senhora, **é meu potro**, que é mui rijo e sadio. **Mas ele não come desde ontem cedo**.
- A jovem **volta a descer a mão** e então **encontra o saco peludo**. **Toca e mexe** nos dois colhões.
- Ora, **o que é isto dentro deste saquinho?** São dois novelos? - pergunta.
- David teve réplica rápida:
- Senhora, **são dois ferradores que vigiam meu cavalo quando ele pasta em outras pastagens**. Ficam sempre em sua companhia. **Estão aí para guardar meu potro**.
 - **David, coloca teu belo potro para pastar em meu prado**, Deus te guarde.
- David. se vira para ela. Coloca o pau. sobre seu púbis e diz à donzela, depois que a ajeitou sob seu corpo:
- Senhora, **meu potro está morrendo de sede**. Está ofegando muito, sofrendo muito.
 - **Vai dessedentá-lo em minha fonte** - torna ela –Estarias errado de ter medo.
 - Senhora, **temo o tocador de trompa.Tenho medo que ele ralhe comigo se o potro entrar**.
 - **Se ele reprovar, os ferradores o derrotarão!**
- Responde David:
- Está bem dito!
- Prontamente lhe **põe o pau na cona e faz o que quer, o que deseja**, de tal maneira que a **jovem não o considera lento, pois a revirou quatro vezes**. E **se o tocador de trompa reclamou, foi vencido por dois gêmeos**. (SCOTT, 1995, p. 136-7 – grifos nossos)

Sobre a mulher figurada na literatura medieval, em especial os *fabliaux*, podemos tomar o ponto de vista de alguns críticos sobre as características e os elementos até aqui apontados. Macedo (2002) defende que a forma como a mulher era idealizada na literatura da Idade Média era mais acentuada quando se tratava de seu retrato moral. O destaque se dá na literatura que tem como fim designar modelos de condutas e condenar aquilo que para os autores era considerado vício. Nos três *fabliaux* os narradores convocam os seus leitores a

refletirem sobre a moral da época através de histórias (os *fabliaux*) apontadas por eles como verídicas ou dignas de serem seguidas como modelo. Em MQAC aparece no final, sob a forma de súplica (espécie de resumo), a moral da história: “Eis a súplica *deste fabliau: desgraçada seja a mulher que despreza o homem.*” (MQAC, p. 169). Pelas características mostradas na tabela percebemos como a misoginia medieval perpassa, inclusive, os textos literários, ainda que neles as mulheres ajam de maneira mais ousada, com liberdade para o ato sexual, o qual era visto como um ato sujo pela igreja.

Macedo (2002) assinala que, por essas literaturas serem feitas quase completamente por homens e para homens ela constitui um testemunho fundamental dos estereótipos femininos elaborados por clérigos e artistas, relevando raramente o que as mulheres eram na realidade. O autor destaca ainda que, a descrição e a classificação dos comportamentos femininos seguiam critérios religiosos ou morais, as imagens da mulher que se propagava eram luxuosas e pecadora, essencialmente casta e virtuosa, que personificaria a salvação, de uma dama e de uma mulher ardilosa por natureza, sempre disposta a trapacear o homem. Todos esses elementos são importantes na compreensão dos sistemas de valores da época e dos códigos de comunicação presentes num discurso que deve ser lido como expressão do pensamento masculino.

Bloch (1995) enfatiza que a mulher como confusão é um dos topos da literatura medieval, em destaque as “mulheres faladeiras”. Há desejo de silenciá-las, as esposas são retratadas como uma fala perpétua, em relação à qual nenhuma postura inocente é possível. O autor ainda pontua que o pressuposto é que a mulher é o equivalente da decepção, um preconceito tão arraigado no discurso medieval sobre o sexo que frequentemente passa despercebido. A moral acrescentada no final de alguns dos *fabliaux* atesta a aversão à mulher e o *fabliau* MQAC é um exemplo para esta afirmativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUBY, Georges. **Eva e os padres: damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 11-41.
- LACY, Norris J. *Fabliaux*. In: KIBLER, William W. (editor) et al. **Medieval France: an encyclopedia**. New York: Garland Publishing, 1995, pp. 635-639.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média: A mulher e a família, realidades sociais e atividades profissionais exclusão, preconceito e marginalidade**. São Paulo: Contexto, 2002, 108p.

- MACEDO, José Rivair. O real e o imaginário nos Fabliaux medievais. In: **Revista Tempo**. vol. 9, n. 17, Julho, 2004, pp. 1-19. Disponível em <http://www.redalyc.org/home.oa>.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. O século XIII: a idade áurea da teologia-e o apogeu da difamação misógina. In: _____. **Eunucos Pelo o Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. p. 191-197.
- _____. Tomás de Aquino: Lumen Ecclesiae (“A luz da Igreja”). In: _____. **Eunucos Pelo o Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. p. 197-214.
- SCOTT, Nora. **Pequenas Fábulas Medievais: fabliaux dos séculos XIII e XIV**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.